

# As mortes de Norma e Norman Bates: o estranhamento de Norman e o assassinato suicida de Norma em *Bates Motel*

EZEQUIAS DA SILVA SANTOS

Bolsista do Mestrado em Letras da UTFPR Campus Pato Branco.

e-mail: zekyjohnson@hotmail.com



## INTRODUÇÃO

A concepção pós-modernista da história insiste em timbrar a fragmentação do sujeito sob duas perspectivas: a social e a psíquica. Partindo dessa premissa, o predominante na *alta literatura*<sup>1</sup> dos séculos XX e XXI são as narrativas de cunho fracionado, que apresentam o indivíduo frente ao turbilhão dessa modernidade multifacetada (Berman, 1987, p. 16).

Ligada de forma iminente a esse frenesim social, a arte dos séculos XX e XXI sofreu várias transformações devido à criação de novas teorias que trouxeram à modernidade a complexidade da psicanálise de Freud e o debate sobre as novas dimensões da física de Einstein. A televisão e o cinema, frutos desse desenvolvimento tecnológico do século XX, foram dois grandes responsáveis pela mudança cultural no tocante ao entretenimento e à informação.

Esse *overmuch information* desencadeou um processo no qual o pensamento social coletivo, introduzido por Nietzsche, proclama a autolibertação em detrimento dos pressupostos morais religiosos<sup>2</sup>. Não obstante, os pensadores sucessores de Nietzsche atenuam esse crepúsculo doutrinário difundindo novas ideias filosóficas, tal como o Existencialismo, as quais implicam a incompreensão do sentido da vida.

Como reflexo dessa descentralização teológica religiosa, o homem do século XX submerge numa modernidade caótica, e sua âncora tenta se firmar em ter-

---

<sup>1</sup> Leyla Perrone-Moisés usa o termo *alta literatura* para classificar as obras dos grandes autores da literatura mundial.

<sup>2</sup> Em *crepúsculo dos ídolos*, Nietzsche observa o declínio da cultura religiosa e a ascensão do homem como dominador de sua própria vida.

renos escorregadios, resultando na frustração angustiante causada pela incompreensão do mundo ao seu redor. Dessa incompreensão surge um complexo existencial adornado pela consciência do fracasso e pela tibieza psíquica do sujeito frente à incerteza da vida. Marshall Berman (1987, p. 17) dirá que “[...] a ideia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos perde muito de sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas”.

Resultante dessa fragmentação, o sujeito pós-moderno tende a entrar em colapso e pode encontrar, como fuga desse caos social, algumas alternativas que o consolem ou ao menos aliviem a angústia e a sensação de solidão. Uma dessas alternativas é o suicídio.

Isso posto, nossa proposta é analisar a morte de Norma Bates, personagem da série *Bates Motel*, à luz do pensamento de Albert Camus sobre o absurdo e o suicídio. Tendo em mente a complexidade da personagem, nosso objetivo é argumentar e advogar em favor da ideia de um “assassinato suicida” sofrido pela personagem.

Em outras palavras, nosso propósito conjectura um indivíduo que exprime certo desejo pela morte em face dos impasses e dilemas que afligem e consomem a personagem ao longo da série. Para tal empreita, teremos como respaldo as teorias psicanalíticas de Freud, as ideias correlacionadas à formação dos objetos de Foucault e alguns outros teóricos que tiveram como objeto de estudo a sociedade.

#### NORMAN BATES

Norman Bates é o grande fardo de Norma Bates. O jovem adolescente, re-fém de perturbações mentais, é tomado por fortes nuances temperamentais que marcam sua instabilidade diante do círculo familiar e extrafamiliar. Frente ao turbilhão da modernidade exposta por Berman, o jovem Norman Bates caracteriza-se pela fragmentação e pelo olhar desvirtuado no tocante à vida e à moral<sup>3</sup>.

Partindo da premissa de que a personagem Norman Bates é uma tipologia representativa do sujeito dos séculos XX e XXI, podemos observar que o desvario sofrido pela personagem reflete a fragmentação e a perda da identidade pregada pelo Pós-modernismo. Ainda que nos moldes da psicologia, Norman atenderá aos aspectos do sujeito pós-moderno cunhado por Stuart Hall (1992, p. 9). Segundo o teórico,

um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classes, gênero, sexualidade, etnia, raça ou nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

---

<sup>3</sup> Refiro-me à moral moderna baseada em Kant, na obra *Crítica da razão pura*.

Embora a concepção que temos de Norman Bates se restrinja à área da psicologia, o distúrbio de gênero sofrido pela personagem ao se travestir como a mãe expõe os problemas de identidade, de gênero e de sexualidade. Da mesma forma, as disfunções psicológicas da personagem devem-se a um acúmulo de frustrações providenciadas pela vivência em sociedade: a morte do pai, o sofrimento da mãe, a paixão não correspondida etc.

O que marca a personagem é o modo de subsistir a esse acúmulo de frustrações, pondo em voga um indivíduo neurótico que não reconhece as leis morais ou sociais como estruturas basilares para a conveniência e alteridade. Para complemento dessa ideia, Freud (2011, p. 240) anota que “há uma classe de pessoas, os neuróticos, que reagem a essas frustrações com um comportamento associal. Esses desejos instintuais são do incesto, do canibalismo e do prazer em matar”.

Não obstante o desejo de matar, a personagem ainda resvala em um relacionamento íntimo com a mãe que beira o incesto. A neurose da personagem vem à tona como representação do profundo amor pela mãe e como reflexo do medo de perdê-la. Nesse sentido, é pertinente observar que os problemas psíquicos da personagem parecem ser oriundos de uma questão moral que determina a proibição de qualquer possibilidade que concretize o ato incestuoso. O trajeto de vida trilhado por Norman traz à baila um caráter obscuro que não pode ser esclarecido, mas apresenta certo cunho culposos que vai de encontro aos atavismos culturais disseminados pela religião e pelo patriarcalismo.

Sob esse prisma, as perturbações da personagem estão ligadas de forma iminente ao relacionamento conturbado com a mãe e o irmão. O germe do problema se encontra no meio familiar e é corroborado pelo assassinato do pai pela mão do filho, e pelo encobrimento do assassinato por parte da mãe. Não obstante a omissão de Norma Bates no tocante à relação entre o filho e o crime, a proximidade excessiva das personagens desabrocha em Norman uma espécie de *free way* que acoberta, ainda de que de forma inconsciente, a necessidade de tratamento psíquico ao jovem criminoso.

Como reflexo do descaso das necessidades terapêuticas de Norman, estamos diante de uma via de mão dupla que oferece uma ideia do crime como consequência do desejo incestuoso de um lado, e do outro, uma ideia do desejo incestuoso como consequência do crime. Para afiançar esse pensamento, Pontes (2004, p. 11) observa a correlação entre neurose e incesto da seguinte forma:

O caminho que o sujeito constrói na sua vida avança na busca de subtrair a traição do incesto. E no neurótico há um infantilismo psíquico, ora por não ter se livrado da culpa, ora por voltar a ela por regressão. A fixação incestuosa tem um papel importante na vida psíquica inconsciente, constituindo-se, a atitude incestuosa, com respeito aos pais, o complexo nuclear das neuroses.

O que Pontes aponta como fixação incestuosa é traduzido pela personagem por meio da consciência da culpa. A partir da ideia da consciência moral que coíbe

o incesto, a personagem vislumbra um mundo *post mortem*, no qual as coibições serão banidas pela consciência pura e intuitiva do amor. Nessa tendência, o que observamos em Norman Bates não é puramente o desejo sexual pela mãe, mas sim um pensamento exclusivamente psíquico e indissociável que nega a aceitação da separação iminente entre mãe e filho.

Diante dessa negação, o complexo neurótico da personagem atinge seu ápice quando ensaia sua primeira tentativa de assassinar a mãe.

- What is behind your back, mother?
- It's nothing
- Norman, don't do this.
- We just don't belong to this world anymore, mother. We are broken. We've tried to find peace and happiness, but the world just won't allow it. So I will just take ourselves out of the equation. Because whatever there is after this we will have peace and we will be together.
- We can have peace and we can be happy. You just have to trust me. (*Bates Motel*, 2016, temporada 4, ep. 2, min 38:39).

Em se tratando da complexidade psíquica da personagem, podemos observar um certo deslocamento desta diante do mundo. É pertinente notar que das ideias da personagem emanam um conceito puramente grego alicerçado pela necessidade de entender a equação do mundo<sup>4</sup>. Em outras palavras, Norman Bates compreende um mundo finito e ordenado onde a concepção da predestinação encontra eco na voz de Sócrates e reflete na personagem o desejo do outro mundo em detrimento deste próprio.

Por essa linha de pensamento, o desejo pela vida vindoura de Norman esbarra na solidez niilista<sup>5</sup> da mãe, que insiste em usufruir a momentaneidade da vida. Embora os problemas de Norman careçam de análise de cunho psicológico, o palco para as ações da personagem é amparado pelo conceito fragmentado do ser, timbrando uma ideia de ruptura e de deslocamento de forma contínua.

Em face desse deslocamento constante, Norman cria perspectivas, através do desejo de morte, de encontrar um mundo ideal *post mortem*, que o acolherá, e à mãe, e determinará a completude e a perfeição da vida da personagem. O sentimento de *não pertencer* da personagem invoca a ideia *absurda* de Camus (2017, p. 21) no tocante à concepção do *estrangeiro*. Segundo o teórico, “[...]num universo subitamente privado de *luzes* ou *ilusões*, o homem se sente um estrangeiro”.

Sob essa perspectiva, o que Camus denota como *ilusão* reflete no sentimento angustiante da personagem. A ilusão de Norman encontra eco na figura

---

<sup>4</sup> Nietzsche observa, em *O crepúsculo dos ídolos*, que os homens mais sábios na história do mundo sempre fizeram a mesma observação no tocante à vida: ela não vale nada.

<sup>5</sup> Refiro-me ao conceito de niilismo atribuído por Nietzsche.

esguia da mãe, através do desejo incestuoso culminado pela aparição do duplo nos últimos capítulos da série. Ainda sob esse ponto de vista, a insistência da personagem em dar cabo à própria vida afiança a ideia de Camus no que diz respeito ao *estranhamento* da personagem em relação ao mundo onde atua.

A consciência da personagem como estrangeiro se afirma através da felicidade ilusória que pode apenas ser vislumbrada por Norman. Uma vez que sua felicidade está atrelada de forma iminente à necessidade de ter a mãe como parte de si, a personagem tende ao conflito familiar e social numa tentativa desesperada de possuir a mãe por completo. A frustração de Norman frente ao fracasso em possuir a mãe míngua a personagem de forma que a ilusão seja substituída pela realidade pulverizante do possível romance entre a mãe e o xerife da cidade.

Nessa tendência, as consequências do distúrbio eclodem a partir da deterioração dos problemas mentais da personagem e culminam no travestimento de Norman. Esse crescimento gradativo atinge seu ápice no momento em que os escassos momentos de razão da personagem são suplantados por ataques de loucura. Como resultado desses surtos psíquicos, a personagem assassina a mãe, chegando ele próprio à beira da morte.

Se Norma Bates exercia algum controle, mesmo que esporádico, sobre o filho, a morte da personagem permite um desabrochar incontrolável das pulsões homicidas de Norman. Associando-os à morte da mãe, a personagem mergulha em pensamentos sombrios que recuperam e encenam, de forma psíquica, a presença da mãe dentro da casa.

Por esse ponto de vista, a linha tênue que delimita realidade e fantasia engoda a mente da personagem resultando na fusão indiscernível entre o real e o ilusório. Oriunda dessa fusão, a imagem do *travestimento* de Norman explicita, em alto grau, o desvario da personagem em face dos contrastes sociais (escola, delegacia, igreja, casa de saúde) e das perturbações familiares (a violência do pai e o estupro da mãe).

A essa ideia de travestimento, Alves (p. 2) associa a dicotomia Masculino/feminino em que o travesti é puramente uma metáfora das transformações sociais e do processo de agência cultural. Segundo o teórico,

O travesti [...] é uma metáfora [...] das mudanças sociais no mundo de desequilíbrio [...], além de se apresentar como questionamento às diferentes representações de gênero: heterogêneas e fragmentadas. O travesti é uma figura de importância para se repensar a dicotomia masculino/feminino, pois ele representa o fim da oposição de gênero, enquanto os transexuais acentuariam tal oposição.

Sob esse prisma, o que está em voga é o desequilíbrio de Norman Bates. Uma vez que a personagem sofre com distúrbios psicológicos, parece-me certo afirmar que esse desequilíbrio fundamenta-se na dicotomia do gênero, apontando

de forma aguda para o questionamento do que é ser (motivo ou razão da existência) e/ou pertencer (a algum lugar ou família).

Assim sendo, Norman é a personificação das mudanças sociais em um mundo de desequilíbrio. A visão do duplo que temos da personagem decorre não somente da esquizofrenia de Norman, mas do contexto social que ocasionou tal distúrbio. Se os instintos homicidas da personagem derivam dos atos de violência do pai contra a mãe, então podemos afirmar que tais instintos afloram a partir de um estímulo social que se liga de forma direta ou indireta com a personagem.

À vista disso, o desequilíbrio de Norman Bates é a representação da fragilização e da tibieza da sociedade moderna. É essa representação metafórica que traz luz à complexidade da diversidade e da adaptação e promove a “arte do equilibrista”<sup>6</sup>, em que o sujeito se move entre diferentes terrenos multifacetados incumbido da difícil missão de encontrar seu lugar. Como resultado dessa equação pós-moderna,

ênfatiza-se o desequilíbrio, a tensão e a fragmentação da sociedade moderna e sua diversidade, assim como a crítica aos valores e concepções tradicionais na procura de uma forma de desmascaramento da sociedade e da cultura (Alves, p. 2).

Nessa tentativa de desmascaramento, o desequilíbrio e a tensão provocados pela fragmentação da sociedade moderna reduzem a personagem a um espaço de ação limitado pelo cerco da lei e da moral, abrindo flancos para a evasão psíquica da personagem que se realiza nos momentos em que comete os assassinatos.

Por essa linha raciocínio, a participação da mãe na vida da personagem funciona como a representação da liberdade dissimulada de Norman. Os únicos momentos em que a personagem desnuda seu verdadeiro *eu* são acobertados pela aparição protetora da mãe, que enxerga no filho apenas a *diferença*, ou seja, o filho como representação da diversidade.

#### ALEX, O XERIFE

Se Norma Bates é a representação da liberdade camuflada, as personagens do xerife Romero e do doutor Edward evidenciam um rótulo repreensivo que atuarão como forças censuradoras na vida dos Bates.

Observa-se que, no círculo familiar das personagens, mantém-se certo conservadorismo que preservava um aspecto de contramodernidade frente às ideias de controle e de ideologias do estado. O próprio casarão da família, que se ergue por trás do motel, apresenta um aspecto lúgubre e imponente, muito parecido com

---

<sup>6</sup> Severo Sarduy entende que o sujeito do século XX/XXI tende a equilibrar-se diante do turbilhão de diferenças da vida moderna.

as arquiteturas barroca e romântica. Sobre esse aspecto, Bhabha (2014, p. 27) anota que “tais culturas de contramodernidade pós-colonial podem ser contingentes à modernidade, descontínuas ou em desacordo com ela, resistentes a suas opressivas tecnologias assimilacionistas”.

Essa resistência contra as formas de controle e inserção tecnológica sofre uma ruptura metaforizada através do aparelho televisivo que Alex Romero (o xerife) dá aos Bates. A televisão de última geração dada por alguém de alta representação ideológica evidencia a luta do conservadorismo contra o progresso e a novidade. Não obstante tal ideia, o ato de presentear do xerife subjetiva a ideia da interferência do estado no histórico cultural familiar, evidenciando uma espécie de violação cultural que impõe novos moldes no tocante à ideia de superfluidade e necessidade.

Refletindo a luta ideológica entre cultura nova e conservadorismo, a figura do xerife parece estar num lugar de entremeio, afinal, ele mantém um relacionamento passional com Norma e é repellido pelo filho da amante, causando um espaço intersticial que pode ser ilustrado com o processo de ruptura cultural entre jovem/velho, mãe/filho, estado/família etc. O perfil do xerife revela-se à medida que o casamento de fachada abre espaço indubitável para o romance. É pertinente observar que, embora a luta de Norma seja para sua independência e liberdade, há um retorno aos conceitos patriarcais no momento em que o casamento se dá pela necessidade do dinheiro, pondo em relevância a carência da personagem e seu escasso poder monetário comparado ao do homem.

No tocante à relação com Norman, a distância sentimental entre padrasto e afilhado expõe um jogo que se resguarda em duas instâncias: a social e a afetiva. Na social, as constantes investigações que ligam Norman a crimes hediondos; na afetiva, a impossibilidade de se relacionar com Norma pelo extremo ciúme despertado no afilhado.

À vista disso, o papel de Alex Romero parece fadado ao infortúnio amoroso com Norma. Ele, como representante da lei, não pode omitir-se às evidências de crime que apontam contra o afilhado. Nessa perspectiva, Alex Romero é a pura representação do poder terreno exposto por Freud (2011, p. 279) em *O futuro de uma ilusão*. Segundo o teórico,

quando alguém não pode matar o próximo apenas porque deus não o permite e o punirá severamente nesta ou na outra vida, mas depois esse alguém descobre que não há nenhum deus, que não precisa temer sua ira, então matará o próximo sem qualquer escrúpulo, apenas um poder terreno poderá impedi-lo.

Nesse sentido, o xerife é a personificação desse poder terreno que desliza entre os terrenos da emoção e da razão, querendo efetivar um romance e lutando moralmente para construir um laço de confiança entre si e o afilhado.

Do outro lado, a personagem do doutor Edward, psicólogo de Norman,

vem de encontro à persona do xerife, e no meio desse iminente choque de ideias, Norman Bates desloca-se, num movimento intenso e aflito que o encurrala a cada passo que toma. Diante disso, as tentativas de restrição impostas pelo estado funcionam como uma espécie de opressão que resultará na procura da personagem por liberdade.

Em busca da liberdade, a fuga de Norman consiste nos surtos psíquicos que resgatam a imagem da mãe em contraponto com a necessidade de cura por meio da terapia ou da prisão. Foucault (2015, p. 53) corrobora essa ideia quando percebe a semelhança ideológica entre prisão e terapia, pondo em evidência o conceito de restrição em ambos os casos e identificando

[...] a restrição terapêutica no meio hospitalar (com seus limiares particulares, seus critérios de cura, sua maneira de delimitar o normal e o patológico) e a restrição punitiva na prisão (com seu sistema de castigo e de pedagogia, seus critérios de boa conduta, de recuperação e de libertação).

Seguindo as ideias de filósofo francês, a dicotomia curativa *hospital/prisão* estigmatiza Norman Bates submetendo-o a um colapso existencial que o encurrala a escolher a cura pela prisão ou pela medicina. Levando em conta o desagrado de Foucault no tocante às formas de delimitação patológica e pedagógica, a saúde mental e psíquica da personagem é extremamente abalada pela necessidade iminente de escolher entre a cura por meio da medicina ou a restrição social por intermédio da polícia.

É mister constatar que tanto Norma Bates quanto o filho são subjugados pela moralidade social que os encurrala e apresenta alternativas de melhorias que convergem com a *normalidade* do estado. A dessemelhança de Norman entra em colapso devido ao caráter ordinário estabelecido pelas leis sociais e religiosas que destoam da compreensão de mundo entendida pela personagem.

Como resultado desse sistema opressor, ambas as personagens almejam rupturas que atuem como válvulas de escape sociais, permitindo um mundo moralmente desregrado vindo a se estabelecer unicamente pelo terreno incerto dos afetos. Em face dessa perspectiva ilusória, os aparelhos ideológicos do estado labutam para o prevailecimento da lei, obrigando as personagens em fugas momentâneas e insatisfatórias que atinam cada vez mais o desejo pela morte.

#### A FIGURA FEMININA DE NORMA BATES: UMA ESTRANHA NA PRÓPRIA CASA

É inviável analisar a figura de Norma Bates sob um aspecto que não esteja atrelado à ideia de mudança cultural e ao empoderamento da corrente feminista nos dois últimos séculos. A personagem ocupa papéis sociais intercalados num movimento pendular que vai do círculo familiar (restrito ao espaço da casa) ao



círculo social (no que se refere ao espaço de negócios).

Isso posto, Norma Bates se desdobra para atuar nos dois papéis de maior representatividade social, deslizando entre eles de forma que se aglutinem em seu caráter a independência em relação ao homem no círculo familiar e a afirmação da mulher no meio dos negócios. Ainda que essas rupturas com o patriarcalismo pareçam fortalecer a feminilidade da personagem, a Sra. Bates é oprimida por atavismos culturais que irão escassear sua energia a ponto de a personagem divagar entre o limite da sobriedade intelectual e a entrega ao fracasso social, este último representado pelo desvio da linha ferroviária a ser construído nos terrenos do seu motel.

Não obstante tal ideia de fracasso social, Norma Bates ainda precisa enfrentar outro tipo de infortúnio, agora ligado ao círculo familiar e ao seu papel de mãe. A vida conturbada de Norman, vinculada de forma indissociável às questões de ordem psicanalítica, reflete-se em Norma com veemência ainda maior que no próprio filho. É pertinente lembrar que inicialmente é ela quem suporta o peso emocional de encarar o desvario do filho, devido à ausência mental de Norman causado pelos *blackouts*, o que o leva a cometer vários crimes antes ainda da idade adulta.

Por essa linha de raciocínio, podemos traçar o perfil de Norma Bates, conjecturando a iminência padecedora da personagem, que traz em sua memória o estigma do incesto marcado pelo ápice da desonra familiar: o estupro. Em face disso, a existência de Norma é calcada pela consciência imoral da vida que ela trilhou não por opção, mas pela força coerciva do patriarcalismo e das estruturas religiosas do pensamento<sup>7</sup>.

Feitos esses apontamentos de ordem analítica, meu propósito é oferecer uma possibilidade interpretativa no tocante ao assassinato de Norma Bates. Para tal propósito, é relevante observar que “é digno de nota que os seres humanos, embora incapazes de viver no isolamento, sintam como um fardo os sacrifícios que a civilização lhes requer, para tornar possível a vida comum” (Freud, 2011, p. 234).

Esse paradoxo, resultante da necessidade coabitar, é sentido por Norma Bates quando a personagem renuncia à ideia de ter relacionamentos duradouros em prol do bem-estar do filho. Nesse sentido, os desejos da Sra. Bates resvalam, a princípio, puramente em necessidades fisiológicas que são atendidas através de encontros casuais.

No entanto, a iminente falta de relações afetivas duradouras converge para que a personagem tome consciência de que os sacrifícios que faz para o bem-estar do filho ricochetam em detrimento do seu próprio bem-estar. Nesse momento, o que outrora fazia gratuitamente para a serenidade da vida do filho passa a ser um fardo em sua própria existência, e ela reconhece, nesse propósito, um sacrifício requerido para que se torne possível a vida conjunta.

---

<sup>7</sup> Clóvis de Barros Filho observa, em *A dignidade moral em Kant*, que o mundo ocidental tende a apoiar-se na concepção moral religiosa disseminada pelo catolicismo e, mais tarde, pelo cristianismo.

Indo além desse espaço familiar, o contexto social da vida de Norma revela um meio aflitivo no qual se concentram diversos fatores que atormentam a personagem consciente e inconscientemente. Nesse sentido, a morte da personagem pode ser atribuída à combinação de acontecimentos penosos que se condensam na psique do sujeito.

Como exemplo, podemos enumerar esses acontecimentos para criar um suporte que pode afiançar nossa ideia sobre a angústia consciente e inconsciente da personagem: a) a volta do filho mais velho cuja existência se deve ao relacionamento incestuoso com o irmão; b) as constantes visitas da polícia, que insiste em relacionar alguns crimes com a presença dela e do filho na cidade; c) o reaparecimento do irmão mais velho que a estuprou na infância; d) o envolvimento do filho mais velho com a plantação de ervas alucinógenas e o tráfico da droga; e) a presença sufocante de Emma, que atrai o olhar penoso de Norma sobre os problemas respiratórios da personagem; e f) a ameaça iminente da construção do atalho ferroviário que lhe causaria danos comerciais.

Sob esse prisma, a personagem reflete o fracasso social contemplado em duas vias: a familiar e a social. Nesse sentido, Homi Bhabha (2014, p. 21) afiança nosso pensamento quando observa:

a articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica. O “direito” de se expressar a partir da periferia do poder e do privilégio autorizados não depende da persistência da tradição; ele é alimentado pelo poder da tradição de se reinscrever através das condições de contingência e contraditoriedade que presidem sobre as vidas que estão na “minoria”.

No meio desse turbilhão de ocorrências, a voz de Norma, inicialmente enérgica, enfraquece, e ela sucumbe à opressão exterior, tendo seu desvario refletido nas constantes subidas e descidas do motel para a casa e da casa para o motel. A consciência da personagem diante dos conflitos sociais e familiares sofre um colapso paradoxal que se divide entre os limites da abnegação e do egoísmo.

Dessarte, a abnegação da personagem manifesta-se pelo sofrimento da personagem que nega qualquer tipo de relacionamento que ameace a sanidade do filho; e o egoísmo, por sua vez, pronuncia-se através da necessidade de um companheiro, refletido no xerife, com quem possa dividir o peso da família e satisfazer os desejos puramente carnis e afetivos.

Essas ideias podem ser muito bem representadas pelo momento de calma na vida de Norma, quando o filho mais novo é internado em uma casa de saúde. Em contraste com a desordem cotidiana e a gangorra emocional, o período em que Norman permanece fora de casa resulta em bons momentos para a Sra. Bates. Em suma, a personagem parece recuperar o rumo da vida, uma vez que a responsabilidade das ações do filho lhe fora tirada das costas.

Como calmaria que sucede a tempestade, a volta do filho à casa funciona como gatilho para que o turbilhão desordenado de angústia retorne. Parece certo afirmar que este retorno do filho consome as últimas esperanças de felicidade da personagem. Caindo num abismo de angústias, Norma Bates se vê conscientemente fadada a escolher entre a felicidade do filho e a própria.

É pertinente observar que a morte de Norma pela mão do filho não se resume ao assassinato puramente dito. A aceitação do retorno do filho com problemas psicológicos à casa sugere uma decisão tomada pela personagem, ainda que inconsciente, e ela parece querer erradicar o paradoxo da felicidade de uma vez por todas. A consciência de Norma sobre a desistência da vida como solução dos problemas acha eco em Camus (2017, p. 8), quando o autor observa o início da autodestruição oriunda do pensamento:

Começar a pensar é começar a ser minado. A sociedade não tem muito a ver com esses começos. O verme se acha no coração do homem. É ali que é preciso procurá-lo. É preciso seguir e compreender esse jogo mortal que arrasta a lucidez em face da existência à evasão para fora da luz.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A título de conclusão, parece justo adotar uma terminologia, a princípio paradoxal, que justifica essa análise sobre *Bates Motel*. O paradoxo existe na medida que a morte de Norma Bates pode ser classificada como um “assassinato suicida”, em que as perturbações mentais do filho foram um convite para que o homicídio fosse um ato de libertação inconsciente da dor e da angústia.

Para afiançar nosso pensamento, Freud (2011, p. 247) anota que “assim como para o conjunto da humanidade também é difícil para o indivíduo suportar a existência”. Como resultado dessa necessidade de suportar a existência, a personagem sucumbe aos tormentos que lhe inferem um caráter de inferioridade, apoiados nos discursos machistas/patriarcais, amalgamados às vozes de uma minoria elitista que veem suas vidas compreendidas no capital.

Por essa linha de raciocínio, o suicídio da personagem é percebido a partir da compreensão do significado da náusea de Sartre<sup>8</sup> ou da angústia de Heidegger. Essa incompreensão do mundo, que resulta na incompreensão da vida, atribui um alto grau de absurdismo que não encontra saídas racionais nem vê nas muletas metafísicas de Nietzsche subsídio que comporte sua necessidade de *pertencer* a algum lugar.

Diante disso, Camus anota que “morrer voluntariamente pressupõe que se reconheceu, ainda que instintivamente, o caráter irrisório desse hábito, a ausência

---

<sup>8</sup> Camus se refere a Sartre quando observa, em *O mito de Sísifo*, que a náusea também é o absurdo.

de qualquer razão profunda de viver, o caráter insensato dessa agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento.

Esse deslocamento social que desencaixa o sujeito do mundo arrefece Norma Bates, fazendo com que a personagem mergulhe num desvario que resultará na escolha, ainda que inconsciente, pela morte. À vista disso, “esse divórcio entre o homem e sua vida, entre o ator e seu cenário, é que é propriamente o sentimento da absurdidade” (Camus, 2017, p. 9).

A partir desse sentimento de absurdidade, as mortes de Norman e do filho corroboram uma tentativa desesperada de *não pertencer*. Norma Bates assina seu pedido de morte ao receber em casa o filho mentalmente problemático, na esperança de que o sofrimento termine à medida que o desejo incontrolável do filho venha pôr fim à desgraça de ambas as personagens.

Diante disso, o desejo de morte expressa o reconhecimento de Norma sobre o divórcio entre a vida e o cenário, resultando na atração pelo fim do sofrimento, exacerbada pela morbidez noturna da casa. A título de conclusão, o anseio pela morte e a concretização do assassinato evidenciam o termo “assassinato suicida” da personagem, pondo em voga seus temores, suas aflições e a inviabilidade da vida de Norma. Por fim, o falecimento da personagem extermina seu sofrimento através da morte almejada, o suicídio, e por meio da concretização do homicídio pela mão do filho, o assassinato.

#### REFERÊNCIAS

- Alves, Luciane. Travestis, travessões e colibri. O neobarroco de Severo Sarduy, in: *V Colóquio Internacional Sul de literatura Comparada, Porto Alegre, 2012*. Disponível em <https://www.ufrgs.br/ppgletras/Vcoloquio/artigos/LucianeAlves.pdf>
- Bates Motel*. Direção: Nestor Carbonel, Phil Abraham, Tucker Gates. Los Angeles: Universal, 2016. 450 min. Disponível na plataforma Netflix. Acesso em: 22 de dezembro de 2017.
- Berman, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- Bhabha, Homi. *O local da cultura*. 2. ed. Belo Horizonte: editora UFMG, 2014.
- Camus, Albert. *O mito de Sísifo*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2017.
- Filho, Clóvis de Barros. *A dignidade moral em Kant*. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=odmwxc84FnY>. Acesso em 20 de dezembro de 2017.
- Foucault, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015.
- Freud, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- Guerrero, Gustavo. Severo Sarduy: *Teoría y práctica de una estética neobarroca*. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=\\_McqVOBCOAU&t=3921s](http://www.youtube.com/watch?v=_McqVOBCOAU&t=3921s). Acesso em 17 de outubro de 2017.

- Hall, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 11. ed. São Paulo: Dp&a Editora, 1992.
- Kant, Emmanuel. *Crítica da razão pura*. Fonte Digital: [br.egroups.com/group/acropolis/](http://br.egroups.com/group/acropolis/)
- Nietzsche, Frederich. *O crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.
- Perrone-Moisés, Leyla. *Altas literaturas*. Escolha e valor na obra crítica de escritores modernos. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- Pontes, Andrea Mello. O tabu do incesto e os olhares de Freud e Levi-Strauss. *Revista Trilhas*, 4(1): 7-14, 2004.

ARTIGO RECEBIDO EM 09/10/2018; APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM 04/12/2018

**RESUMO:** A série *Bates Motel*, criada a partir do famoso romance *Psicose*, de Robert Bloch, apresenta um cenário perturbador que se ampara na perspectiva do desvario pós-moderno do século XX. Tendo em vista este cenário fragmentado, nossa proposta é analisar as personagens Norma e Norman Bates, sob o prisma do absurdismo de Camus, numa tentativa de entender o desejo de Norman pela morte e a infelicidade de Norma frente aos distúrbios mentais do filho. À vista disso, neste artigo procuramos entender as duas personagens à luz do pensamento de grandes nomes como Freud, Sartre e outros escritores que trataram de questões relacionadas ao absurdo, à melancolia e à crise existencial que marca grande parte dos indivíduos das últimas gerações. Por fim, conjecturamos uma possível explicação no tocante à morte das personagens em correlação com a teoria de Camus no que diz respeito à vida, ao cenário da vida e a seus personagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Camus. Melancolia. Absurdismo. Bates Motel.

**ABSTRACT:** The *Bates Motel* TV show, based on the famous novel *Psycho*, by Robert Bloch, presents a disturbing scenario that upholds itself on the perspective of the nineteenth post-modernism raving. In face of this fragmented scenario, our purpose is to analyze the character of Norma and Norman Bates under the prism of Camus' absurdism in an attempt to understand Norman's desire for death and Norma's unhappiness, by considering the mental problems of her son. Therefore, in this article we look forward to comprehend these two characters under the light of great names such as Freud, Sartre and other writers who treated questions related to the absurd, to the melancholy and to the existential crises that marked the most part of the individuals of the last generations. Lately, we conjecture a possible explanation regarding the death of the characters in correlation with Camus' theory of life, its scenario and its characters.

**KEYWORDS:** Camus. Melancholy. Absurdism. Bates Motel.